

Sobre 'A segunda m

«A REVISTA» do EXPRESO de 4/12/93 insere um artigo de Edmundo Pedro [EP] em que o meu nome é citado como abonador de uma «versão» a propósito da fuga de Pavel do Aljube, em 1938.

Dado que essa «versão» não se refere estritamente, como é óbvio, ao parágrafo em que sou citado (cujo conteúdo não carece de confirmação), não posso de modo algum confirmá-la.

A versão transmitida por EP exige rectificações em vários aspectos essenciais, rectificações essas que passo a fazer, com a autoridade que me confere o facto de ter sido protagonista em vários passos do processo relacionado com aquela fuga.

Como o próprio EP relata, com exactidão, a fuga foi organizada, no exterior da cadeia, pela direcção do Partido Comunista [PCP]. As ligações entre esta e Pavel foram estabelecidas pelo enfermeiro da cadeia, que nunca havia pertencido à Juventude Comunista (ao contrário do que diz EP), mas que Pavel aliciara na própria prisão. Com Pavel também se evadiu um jovem comunista (que veio a falecer em Paris pouco depois). Daí talvez a confusão.

Os três (Pavel, o jovem

comunista e o enfermeiro) estiveram refugiados em minha casa, desde a noite da evasão até à sua saída do país.

As suspeições acerca da fuga foram suscitadas na Internacional Comunista [IC] e no Partido Comunista Francês [PCF] pelo relatório que lhes chegou de Lisboa sobre o caso, no qual se salienta, muito intencionalmente, não só a extrema dificuldade de fugir de uma prisão tão segura como era o Aljube (dificuldade que nunca fora vencida anteriormente), mas também a particularidade de a fuga ter sido executada com a decisiva ajuda e mesmo com a participação de um «elemento da PIDE», o enfermeiro da prisão.

Tal relatório foi da responsabilidade pessoal e exclusiva de Armando Magalhães [AM], então responsável máximo do partido, recém-chegado do estrangeiro. Para este, sim, cuja posição era já muito vulnerável, o regresso de Pavel à actividade do partido, dentro ou fora do país, representava um perigo sério.

AM foi preso pouco tempo depois de ter enviado o seu relatório para a IC, o que veio dar mais verosimilhança às suspeitas que ele próprio havia sugerido acerca da fuga de

Pavel e de grave infiltração policial na organização do partido. Em consequência desta sucessão de acontecimentos e da interpretação que lhes foi dada por AM, a IC e o PCF cortaram relações com o PCP, supostamente «minado» pela PIDE.

A reacção da IC e do PCF é perfeitamente natural, sobretudo tendo em conta que AM, vindo da URSS, era considerado um homem de confiança e que a conjuntura política de então (com a guerra de Espanha em fase crítica e com prenúncios de início a breve trecho da II Guerra Mundial) exigia precauções conspirativas extremas.

AM (que seria um excelente homólogo de Ieltsin em Portugal se as circunstâncias lhe tivessem sido propícias) colaborou diligentemente com a PIDE na prisão, onde casou, pela igreja, com uma russa branca que trouxera consigo para a clandestinidade em Portugal. Como recompensa foi libertado ao fim de alguns meses, tendo emigrado então para o Brasil, onde, segundo consta, ainda se encontra.

O «mistério» das causas que levaram à ruptura da IC com o PCP (que tanto tem preocupado tanta gente) é,

São inteiramente destituídas de fundamento
as afirmações pejorativas sobre Cunhal
produzidas no artigo intitulado

«A segunda morte de Pavel»: ele estava preso
em Peniche quando da fuga de Pavel
e não teve rigorosamente qualquer interferência
no processo que se lhe seguiu

Ludgero Pinto Basto*

como se vê, fácil de desvendar. E não creio que os arquivos soviéticos possam dar a EP mais esclarecimentos, sobre o caso de Pavel, do que aqueles que aqui lhe deixo e do que aquilo que se sabe publicamente sobre a evolução política do mesmo Pavel.

No que respeita a Álvaro Cunhal [AC], todas as afirmações pejorativas produzidas no artigo de EP são inteiramente destituídas de fundamento.

AC estava preso em Peniche quando da fuga de Pavel e não teve rigorosamente qualquer interferência no processo que se lhe seguiu e que deu origem à recepção estranhamente hostil que defrontaram em Paris Pavel e os seus companheiros.

AC não podia ter interven-

do na ulterior evolução do caso Pavel junto da IC (como é evidente para toda a gente que reflecte com cuidado e isenção sobre o assunto) porque quando retomou a sua actividade de dirigente já a IC tinha cortado relações com o PCP, relações que nunca vieram a restabelecer-se, por dificuldades de comunicação, por suspeitas graves da IC para com o PCP e finalmente porque a IC foi dissolvida em 1943.

Quando — já nos anos 60, depois de cerca de 12 anos de prisão e da sua evasão de Peniche — AC pretendeu ocupar-se daquele assunto, já Pavel se tinha auto-excluído do movimento comunista, trocando definitivamente a sua condição de militante pela de crítico de arte, perfeitamente adaptado à democracia mexi-

norte de Pavel'

cana, pela qual manifestava grande admiração.

Por isso e por atitudes de Pavel incompatíveis com a qualidade de militante comunista (entre as quais avulta o lançamento da escandalosa calúnia contra Francisco Miguel Duarte, comunista exemplar, que dedicou toda a vida — na qual se inserem mais de 21 anos na prisão — à luta pela emancipação dos trabalhadores), foram praticamente cortadas as relações políticas entre Cunhal e Pavel. E foi precisamente o que aconteceu comigo, muitos anos depois (sem ter tido conhecimento do que acontecera com Cunhal), quando Pavel voltou a Portugal, em 1977 segundo creio, e me procurou para me agradecer o apoio que eu lhes tinha dado em 1938 para a fuga da prisão e a saída do país, agradecimento esse que, como lhe disse então, era devido ao partido e não a mim pessoalmente.

Os juízos de valor emitidos por EP sobre AC são partilhados por muito pouca gente. Toda a vida de AC e a acção intensa que tem desenvolvido ao longo dela definem perfeitamente o seu perfil de homem de carácter e de dirigente político que dispensa encómios de qualquer natureza.

Não posso comparar as aptidões de Pavel com as de AC no campo das artes e das letras, porque não conheço a obra de Pavel nesse domínio. É, porém, fácil para qualquer pessoa comparar as aptidões deles como dirigentes políticos. E aí a diferença é evidente, para quem conheça, mesmo superficialmente, as carreiras de ambos.

De qualquer maneira, não é admissível que AC pudesse temer (mesmo que fosse homem para isso) a ofuscação da sua personalidade pela de Pavel.

Quanto ao objecto aparentemente essencial do artigo, não há dúvida de que Pavel era intelectualmente muito bem dotado, como já tinha demonstrado muito antes de se ter notabilizado como crítico de arte. A sua personalidade era, no entanto, complexa e pouco adequada ao exercício da actividade de um dirigente político. O próprio EP põe em relevo algumas facetas marcantes dessa personalidade quando fala do «seu pensador especulativo», da «sua transbordante imaginação», do «nome de Viagens à Lua» por que se tornou conhecido no Arsenal da Marinha, onde trabalhou alguns anos. Tal personalidade, em que a auto-

estima sobressaía, explica em grande parte a evolução da sua carreira política, profundamente sacudida pelo golpe que sofreu ao chegar a Paris depois da fuga do Aljube.

Qualquer pessoa concebe a dimensão enorme do traumatismo que um militante revolucionário empenhado, como era Pavel, sofre ao ver-se caluniado e repellido, como ele foi à chegada a Paris. Nestas situações, particularmente críticas, cada um reage à sua maneira, e a reacção de Pavel foi a que se sabe.

Contudo, se as convicções ideológicas são firmes e profundamente assentes, a vítima de traumatismos deste género (por mais violentos que sejam), embora ofendida e indignada com quem os provocou e exerceu, não muda, por causa disso, a sua posição filosófica nem as suas atitudes políticas.

De qualquer maneira, importa deixar claros alguns aspectos fundamentais:

1. Em tempo nenhum a direcção do partido deu crédito às suspeitas levantadas na IC pelo relatório de AM, antes pelo contrário as repeliu sempre energicamente. É portanto descabida a afirmação de que «a direcção do partido amarrrou-o para sempre a uma

infamante suspeita» e de que «seria importante conhecer (...) o modo como o PCP 'arrumou' este melindroso caso».

2. A figura de Pavel não foi apagada da história do partido, nem isto está na linha de procedimento do mesmo partido, até em relação a outros ex-comunistas que se tornaram seus inimigos. É portanto descabida e gravemente caluniosa a afirmação de que «a figura (...) de Pavel (...) foi apagada da história do PCP e do movimento operário por imposição de AC, a quem a projecção e a inteligência de Pavel obviamente incomodavam».

3. Não vimos na imprensa portuguesa qualquer nota necrológica sobre Pavel (pelo que nem se tomou conhecimento da data da sua morte), a não ser em artigos de opinião como os de João Paulo Fafe e EP, que têm como finalidade mais o ataque ao comunismo e ao PCP do que a homenagem à memória de Pavel. Não é pois de estranhar que não fosse o PCP a tomar essa iniciativa, dada a posição de Pavel, nos últimos anos, em relação ao próprio PCP e ao comunismo em geral.